

“É melhor trabalhar do que roubar”

Organização Internacional do Trabalho chama a atenção para “banalização” do trabalho infantil no Brasil e no mundo

Coordenadora do Programa de Princípios e Direitos Fundamentais no Trabalho no Escritório da Organização Internacional do Trabalho para o Brasil (OIT), Maria Cláudia Falcão observa que a redução expressiva dos números relacionados ao trabalho na infância, indicada pelo IBGE, dificulta o combate a essa prática. No início dos anos 90, o instituto contabilizava 8 milhões de jovens atuando informalmente no mercado de trabalho. “Como qualquer outro fenômeno social, quanto menor as taxas, mais difícil se torna o enfrentamento”, diz Falcão, observando ser fundamental a formulação de políticas públicas específicas, sobretudo na esfera municipal.

“É preciso analisar cada um desses públicos e ter políticas direcionadas. O IBGE é um órgão reconhecido mundialmente, que detém a maior base de dados em relação ao trabalho. Mas há determinadas formas que ficam ocultas, difíceis de serem capturadas e que devem ser aprimoradas, como a exploração sexual e o tráfico de drogas”, afirma Falcão.

Ainda segundo ela, a naturalização do trabalho infantil é outro ponto a ser combatido. Ela aponta como exemplo o velho jargão “é melhor trabalhar do que roubar ou estar na rua”. “Deve-se investir em famílias com crianças, garantir escola, trabalho para os pais, chamar a atenção para essas famílias”, alerta.

Falcão observa que na 5ª Conferência sobre Eliminação do Trabalho Infantil realizada em maio em Durban, na África do Sul, foi evidenciado que a meta do Brasil estabelecida junto à Organização das Nações Unidas (ONU), de erradicar o trabalho infantil até 2025, dificilmente será alcançada.

Para a ONU, é iminente o risco de crianças e adolescentes em situação de trabalho não concluírem os estudos. Aos 17 anos Rafael Ciqueira foi mais um a abandonar a escola para trabalhar como camelô nas ruas do DF. Há um ano ele deixou a

Jáder Rezende/CB/D.A Press



Rafael começou a trabalhar nas ruas de Brasília aos 17 anos

pequena Dianópolis, no Tocantins, para “mudar de vida”, segundo os passos dos três irmãos.

Com 18 anos recém-completados, Rafael conta que sua meta é economizar R\$ 30 mil para comprar um carro e “virar patrão”. O adolescente, que abandonou a escola antes de concluir o segundo ano do ensino médio, diz não ter se arrependido dessa decisão. “Vendendo panos de chão, de prato e sacos de lixo, consigo ganhar até R\$ 2.500 por mês. É melhor

ficar na rua do que trabalhar de garçom”, gaba-se. “Já juntei R\$ 6 mil e, quando tiver meu carro, vou colocar gente em vários lugares para trabalhar para mim”, sonha.

O adolescente costuma vender seus produtos sempre na W3, altura da 703 Sul, e afirma que os pais não se importam com o fato dele ter abandonado os estudos para trabalhar longe de casa. “Para eles, o que importa é que eu estou me virando”, afirma. (JR)

Amarildo Castro/CB/D.A Press



FT, 17, vende quentinhas em Valparaíso de Goiás: “Faço bicos”

“Procuo sobreviver apenas”, diz adolescente

» AMARILDO CASTRO

Sob uma passarela em frente ao principal shopping de Valparaíso de Goiás, FT, de 17 anos, ajuda um amigo maior de idade a vender quentinhas. FT. “bate ponto” no local, todos os dias úteis às 11 horas. Entre um atendimento e outro, ao lado de uma caixa de isopor repleta de marmitas, ele deixa momentaneamente o ponto para atender clientes em lojas do estabelecimento.

“É um trabalho bastante difícil, porque vira uma correria só, mas no fim, consigo fazer uma boa quantidade de entrega. Além do pessoal do shopping tem os que pegam as marmitas no ponto que atendo”, relata.

O jovem conta que não estudou muito, que foi “obrigado” a abandonar a escola no primeiro ano do ensino médio. “Não tive muito incentivo, não tinha quem me ensinasse as tarefas de casa e sempre vi minha mãe vendendo coisas na rua para que a gente pudesse sobreviver. Então, vim para rua também logo cedo para ajudar a pagar as contas em casa”, relata.

Segundo ele, com a venda das marmitas, na condição de ajudante, não chega a

ganhar o que pretendia, pelo menos R\$ 1 mil por mês. “Faço uma espécie de ‘bico’ para ter uma renda, mas mesmo ganhando pouco não faço nada de errado para ganhar dinheiro. Sempre ajudei a mãe em casa na base da honestidade”, afirma.

Sem interesse por estudos

Questionado sobre a falta de interesse pelos estudos, o adolescente afirma que não sabe explicar o que causou a desmotivação, mas revela que sempre teve uma vida bastante difícil desde que o pai se separou da mãe, há 11 anos. “Desde então nunca pensei bem em um plano para conseguir um bom emprego”, lamenta.

“Não penso em trabalhar em uma grande empresa, ter um trabalho daqueles bons, mas gostaria de montar um quiosque para vender comida ou algo assim. Sobre esse lado aí, o profissional, a única coisa que gostaria de ser é jogador de game. Assim poderia participar de algumas competições e ganhar um bom dinheiro”, relata, revelando que já chegou a ganhar R\$ 500 em uma competição de jogos on-line.